

## FEIJÃO: PRODUÇÃO E MERCADOS

**JACKSON DANTAS COÊLHO**

Economista. Mestre em Economia Rural  
jacksondantas@bnb.gov.br

**Resumo:** O Brasil é o terceiro maior produtor de feijão, não havendo grandes excedentes exportáveis, como ocorre a outros grãos, e o Nordeste, com 591 mil toneladas, está em quarto lugar entre regiões, em parte, pela baixa produtividade (404 kg/hectare). Segundo o Ibafe, houve relativa estabilidade de preços em 2021, mas a oferta está menor e é difícil vender sem ceder no preço; no entanto, a restrição no bolso do consumidor faz com que ele demande menos. Por conta dos altos custos, os preços devem continuar subindo. Convertidos em dólar, estão no segundo maior nível, desde 2016, e mesmo assim, o produtor não está estimulado a aumentar área, devendo haver déficit de oferta para 2022. O comércio exterior é bem menos expressivo que o da soja e o do milho, mas as exportações têm tendência de crescimento e, tanto para o Brasil quanto para o Nordeste, o saldo foi deficitário em 2019, mas amplamente superavitário nos dois anos seguintes. Há muitas oportunidades de mercado para o setor, que, como qualquer atividade agrícola, está sujeito aos riscos das mudanças climáticas e seus eventos extremos.

**Palavras-chave:** feijão; mercado; preços; pandemia.

### ESCRITÓRIO TÉCNICO DE ESTUDOS ECONÔMICOS DO NORDESTE - ETENE

Expediente: Banco do Nordeste: Romildo Carneiro Rolim (Presidente). Luiz Alberto Esteves (Economista-Chefe). Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste - ETENE: Tibério R. R. Bernardo (Gerente de Ambiente). Célula de Estudos e Pesquisas Setoriais: Luciano F. Ximenes (Gerente Executivo), Maria Simone de Castro Pereira Brainer, Maria de Fátima Vidal, Jackson Dantas Coêlho, Kamilla Ribas Soares, Fernando L. E. Viana, Francisco Diniz Bezerra, Luciana Mota Tomé, Biágio de Oliveira Mendes Júnior. Célula de Gestão de Informações Econômicas: Bruno Gabai (Gerente Executivo), José Wandemberg Rodrigues Almeida, Gustavo Bezerra Carvalho (Projeto Gráfico), Hermano José Pinho (Revisão Vernacular), Jaine Ferreira de Lima e Vicente Aníbal da Silva Neto (Bolsistas de Nível Superior). O Caderno Setorial ETENE é uma publicação mensal que reúne análises de setores que perfazem a economia nordestina. O Caderno ainda traz temas transversais na sessão "Economia Regional". Sob uma redação eclética, esta publicação se adequa à rede bancária, pesquisadores de áreas afins, estudantes, e demais segmentos do setor produtivo.

Contato: Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste - ETENE. Av. Dr. Silas Munguba 5.700, Bl A2 Térreo, Passaré, 60.743-902, Fortaleza-CE. <http://www.bnb.gov.br/etene>. E-mail: [etene@bnb.gov.br](mailto:etene@bnb.gov.br)

**Aviso Legal:** O BNB/ETENE não se responsabiliza por quaisquer atos/decisões tomadas com base nas informações disponibilizadas por suas publicações e projeções. Desse modo, todas as consequências ou responsabilidades pelo uso de quaisquer dados ou análises desta publicação são assumidas exclusivamente pelo usuário, eximindo o BNB de todas as ações decorrentes do uso deste material. O acesso a essas informações implica a total aceitação deste termo de responsabilidade. É permitida a reprodução das matérias, desde que seja citada a fonte. SAC 0800 728 3030; Ouvidoria 0800 033 3030; [bancodonordeste.gov.br](http://bancodonordeste.gov.br)

## 1 MERCADO GLOBAL

O mercado global de grãos secos, comuns nos trópicos, no qual se incluem os pulses (feijão, ervilha, grão-de-bico, fava etc.) cresce, devido à conscientização sobre seus benefícios para a saúde. São alimentos ricos em micronutrientes, como potássio, magnésio, folato, ferro e zinco, que são importantes fontes de proteína em dietas vegetarianas. Isso também impulsiona a produção de feijão seco. Os principais produtores mundiais de feijão são: Mianmar, Índia, Brasil, China, Tanzânia, Uganda, Estados Unidos, México, Quênia e Burundi (FAOSTAT, 2021). Os maiores importadores são Índia, China, Bangladesh, Estados Unidos e Egito (Tabela 1).

**Tabela 1 - Desempenho dos principais players da produção de feijão no mundo (em toneladas)**

Países	2016	2017	2018	2019
Índia	5.890.000	6.340.000	6.220.000	5.846.622
Mianmar	5.084.012	5.338.216	5.592.419	5.310.000
Brasil	2.621.267	3.046.079	2.916.365	2.906.508
Estados Unidos	1.301.950	1.291.240	1.108.120	932.220
China	1.205.694	1.333.855	1.337.552	1.310.003
Tanzânia	1.191.766	1.428.434	1.096.930	1.197.489
México	1.088.767	1.183.868	1.196.156	879.404
Uganda	809.640	1.012.406	940.323	979.789
Quênia	728.160	846.000	837.000	747.000
Etiópia	869.847	825.423	563.922	485.547
Selecionados	20.791.103	22.645.521	21.808.787	20.728.186
Outros	8.164.150	8.849.928	8.174.229	8.186.622
<b>Mundo</b>	<b>28.955.253</b>	<b>31.495.449</b>	<b>29.983.016</b>	<b>28.914.808</b>

Fonte: FAOSTAT (2021).

A produção de feijão é afetada por diversos fatores, como riscos ambientais, bioestresse, políticas governamentais dos países. A cultura também está sujeita a várias doenças, principalmente sob altas temperaturas e excesso de umidade. Os maiores custos de produção de feijão seco podem incluir sementes, pulverizações, mão de obra extra durante a colheita, especialmente em regiões com escassez de pessoal. Várias políticas agrícolas prepararam o caminho para o desenvolvimento da cadeia de abastecimento de feijão em todos os níveis, visto que é o componente vital da estratégia geral para enfrentar a competição do mercado global para a cultura. Isso melhora o desempenho e a competitividade dos países na frente de importação e exportação. Destaques:

Índia	Desde março/21, passou a exigir certificação do feijão importado do Brasil, já que foram detectados traços de modificação genética em alguns lotes. A produção de feijão foi de 6,82 milhões toneladas em 2019, com projeção para 8,31 milhões de toneladas em 2025, crescimento de 3,8% a.a. no período. Não obstante, o País expandiu fortemente sua produção nos últimos quatro anos;
Mianmar	O consumo de feijão foi avaliado em US\$ 3,65 bilhões em 2019, e projeta-se a US\$ 3,99 bilhões em 2025, representando 3,8% a.a. O feijão é usado em muitos pratos da culinária birmanesa, pois é acessível e não requer muita preparação. O feijão é uma fonte rica em fibras, minerais e vitaminas. Com isso, o consumo de feijão no País está aumentando, o que, por sua vez, está impulsionando a receita do mercado;
Brasil	Segundo a Conab, em 2020/21, o consumo de feijão foi de 2,9 milhões de toneladas, sem previsão de crescimento para a atual safra (2021/22). Projeções (conservadoras) do Mapa estimam 3,02 milhões de toneladas para 2030, devido ao fato do feijão perder espaço na alimentação dos brasileiros, visto que é consumido principalmente pela classe trabalhadora e camadas de baixa renda, apesar da sua riqueza nutricional e do País ser um dos maiores produtores e consumidores mundiais de feijão comestível;
Estados Unidos	Os EUA importaram 518,2 mil toneladas de feijão em 2019, que deve chegar a 572,3 mil toneladas até 2025, alta de 5,5% a.a. durante o período da previsão. O valor das importações foi de US\$ 358,5 milhões em 2019, e está projetado para US\$ 403,3 milhões até 2025, 5,3% a.a. Os Estados Unidos foram o quarto maior importador mundial, com 4,1% do valor total das importações, em 2019
Rússia	A Rússia exportou 1,2 milhão de toneladas de feijão em 2019, e deve chegar a 1,36 milhão de toneladas em 2025 (3,5% a.a.). O valor das exportações de feijão foi de US\$ 358,8 milhões em 2019, e projeta-se para 2025 US\$ 404,3 milhões (3,8% a.a.). A Rússia é o sétimo maior exportador de grãos secos do mundo, com uma participação em valor de exportação de 4,3%. Paquistão, Turquia, Índia, Emirados Árabes Unidos e Bangladesh são os principais importadores da Rússia.

Fonte: Adaptado pelos autores de Global Dry Beans Market (2020-2025) (Mordor Intelligence, 2020)/EMIS - ISI Emerging Markets Group Company e de MAPA – Projeções do Agronegócio 2020/21 a 2030/31.

## 2 BRASIL

O País tem três épocas distintas de plantio, favorecendo a oferta constante do produto. O ciclo curto é uma vantagem para o produtor, que adequa seu plantio a uma janela menor, sem precisar sacrificar a produção de outros grãos no mesmo ano-safra. Os maiores produtores são Paraná, Minas Gerais, Mato Grosso, Goiás e Bahia. Entre as regiões, o Nordeste tem área maior que a soma das áreas de Sul, Sudeste e Centro-Oeste (1,46 milhão de hectares contra 1,38 milhão de hectares), mas a produtividade prevista para 2021/22 (443 kg/ha.) é de apenas 25% a 31% que têm índices entre 1.400 kg/ha. a 1.800 kg/ha. (CONAB, 2021a). O produtor familiar geralmente é descapitalizado e produz em consórcio com outras culturas. Além disso, a baixa produtividade vem da ausência de calagem e/ou erosão do solo, da adubação desequilibrada e do manejo inadequado de pragas e doenças, pela assistência técnica deficitária.

**Tabela 2 – Área, produtividade e produção nacionais de feijão total<sup>1</sup>, por regiões**

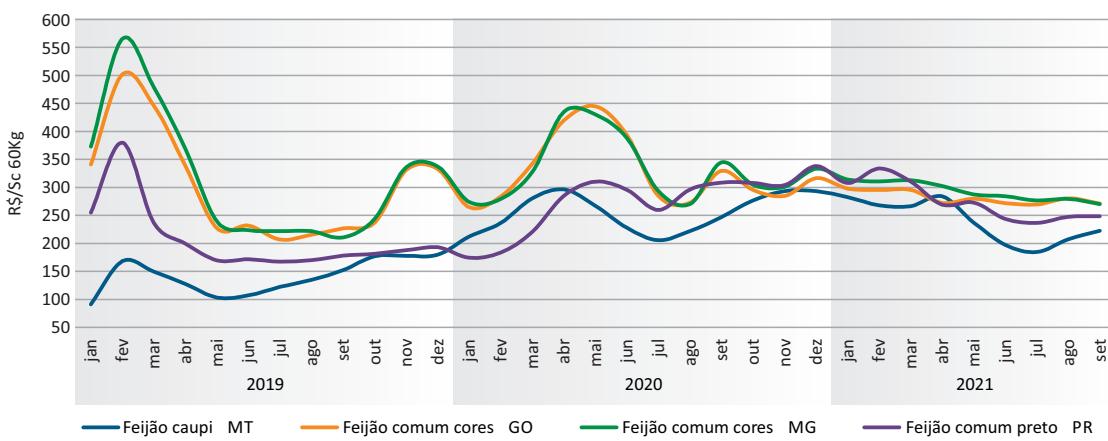
Unidade geográfica	Área (mil ha)			Produtividade (kg/ha)			Produção (mil t)		
	2019/20	2020/21	2021/22(1)	2019/20	2020/21	2021/22(1)	2019/20	2020/21	2021/22(1)
Norte	77,9	101,2	101,2	971	1.041	1.038	75,7	105,3	105,0
Nordeste	1.511,4	1.462,0	1.462,0	568	404	443	859,2	590,7	648,1
Centro-Oeste	402,4	427,7	419,3	1.924	1.776	1.791	774,1	759,5	750,9
Sudeste	444,1	420,3	445,6	1.713	1.698	1.641	752,9	713,7	731,4
Sul	490,9	527,2	517,9	1.549	1.358	1.424	760,2	715,7	737,6
<b>Brasil</b>	<b>2.926,7</b>	<b>2.938,4</b>	<b>2.946,0</b>	<b>1.104</b>	<b>982</b>	<b>1.009</b>	<b>3.222,1</b>	<b>2.884,9</b>	<b>2.973,0</b>

Fonte: Conab (2021b).

Nota: (1) Previsão, em outubro/2021.

O consumo de feijão sofre influência da sazonalidade, caindo entre dezembro e fevereiro, por conta das festas de fim de ano e das férias escolares. Geralmente, em abril, com a entrada da safra da seca na comercialização, os preços se reduzem (CONAB, 2021c). Os preços, atualmente caminhando para a estabilidade, tiveram a curva de alta prolongada, até maio de 2020, muito por conta da pandemia (Gráfico 1), aumento das refeições em casa e perda de produção decorrente de problemas climáticos no Centro-Sul. Não obstante, o consumo de produtos prontos ou semiprontos à base de feijão continua sendo uma tendência, assim como a produção orgânica tem sido um novo nicho para a agricultura familiar.

**Gráfico 1 – Evolução dos preços do feijão ao produtor, em praças selecionadas, 2019-2021**



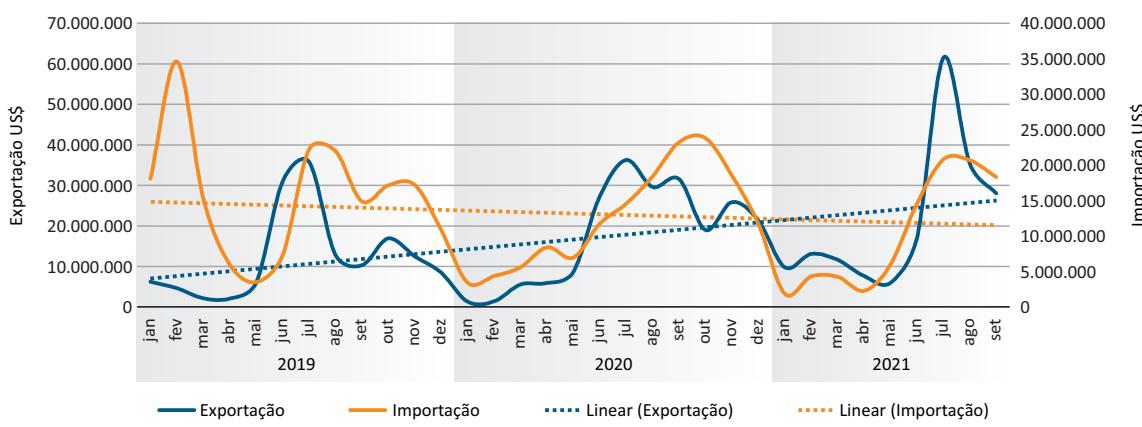
Fonte: Conab (2021d) (colado diretamente, porque como objeto do Excel, ficava distorcido).

Segundo o presidente do Instituto Brasileiro do Feijão e Pulses (Ibrafe), Marcelo Lüders, realmente houve essa relativa estabilidade de preços em 2021, mas a oferta está menor e é difícil vender sem ceder no preço, no entanto, a restrição no bolso do consumidor faz com que ele demande menos. E os preços devem continuar subindo, por conta dos altos custos. Convertidos em dólar, os preços estão no segundo maior nível, desde 2016, e, mesmo assim, o produtor não está estimulado a aumentar área, devendo haver

<sup>1</sup> Trata-se do total dos tipos de feijão (comum cores, comum preto e caupi, em suas três safras).

déficit de oferta para 2022<sup>2</sup>. Ademais, um dos entraves na comercialização é a concentração da produção do tipo carioca (40%). Segundo o Ibaffe, o Brasil é o único produtor mundial e o maior consumidor dessa variedade, pouco aceita no exterior pela alta perecibilidade. O problema se agrava se houver quebra de safra ou excesso de produção, pela falta de variedade alternativa ou impossibilidade de exportação, respectivamente. Contudo, o Instituto Agronômico de Campinas e da Embrapa desenvolveram cultivares na tentativa de evitar essa concentração. Da mesma forma, o Ibaffe busca sistemas de rastreamento e planeja ações de marketing a fim de divulgar as qualidades do feijão, fonte de proteína saudável e mais barata que a animal, e que consome menos água na sua produção (IBRAFE, 2018). Notadamente, o movimento cíclico das exportações entre as variedades tem sazonalidade semelhante e, aparentemente, a não influência da pandemia em 2020, período mais crítico. A tendência é de crescimento e o recorde nas exportações se deu em julho/21, com US\$ 61,5 mil, sendo os três maiores compradores de feijão brasileiro são Vietnã, Índia e Paquistão. Houve aumentos significativos, considerando os nove primeiros meses de cada ano, de 33%, entre 2019 e 2020, e de 29%, entre 2020 e 2021, aproveitando a alta (quase constante) do dólar (Gráfico 2).

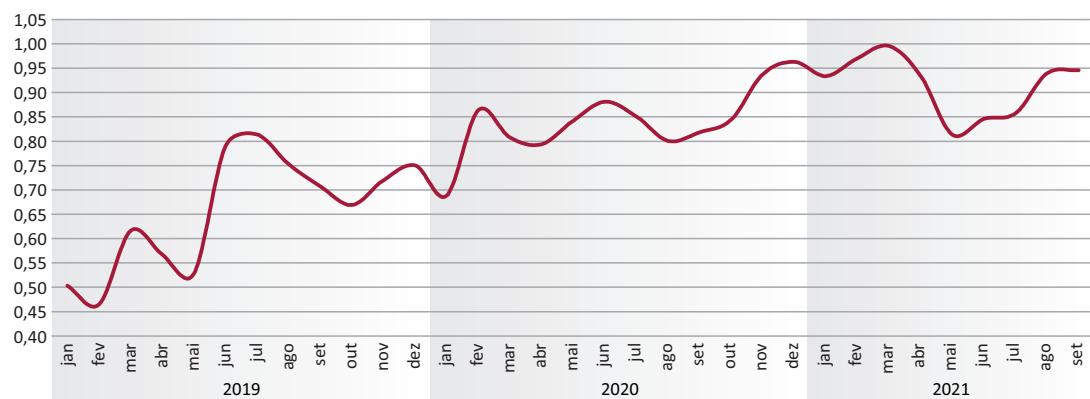
**Gráfico 2 – Balança comercial do comércio exterior de feijão no Brasil (em US\$)**



Fonte: Adaptado a partir de dados do COMEXSTAT (MINISTÉRIO DA ECONOMIA, 2021).

Ao passo que, no mesmo período, as importações reduziram, no mesmo percentual, entre 2019 e 2020, mas superando as exportações, ao longo dos meses de julho de 2019 a maio de 2020 e em um breve período de 2021. Diferente do milho e da soja, o feijão é mais perecível. Argentina, Bolívia e China estão entre os quatro maiores vendedores de feijão para o Brasil. E, considerando somente os anos fechados, a importação superou a exportação, em 2019 (US\$ 148,1 milhões x US\$ 188,9 milhões), ocorrendo o contrário em 2020 (US\$ 213 milhões x US\$ 150,5 milhões). Até setembro de 2021, foram US\$ 189,5 milhões em exportações, contra US\$ 92,8 milhões em importações. Os preços de exportação têm variação inversa às de valor e volume, em razão da sazonalidade, sem a interferência aparente de fatores externos (Gráfico 3).

**Gráfico 3 – Preço médio mensal do feijão exportado pelo Brasil (US\$/kg)**



Fonte: Adaptado a partir de dados do COMEXSTAT (MINISTÉRIO DA ECONOMIA, 2021).

<sup>2</sup> Em entrevista ao portal Notícias Agrícolas, em 29/09/21, disponível em: <https://www.noticiasagricolas.com.br/videos/feijao-e-graos-especiais/298793-entrevista-com-marcelo-eduardo-luders-presidente-do-ibaffe-sobre-o-mercado-do-feijao.html>.

## 3 NORDESTE

A Região passou a ser a maior produtora nacional na safra 2019/2020, mas a maior queda de produção em relação ao Brasil e a outras Regiões fez com que ela ficasse na quarta posição entre as cinco Regiões do País, na safra seguinte, devendo manter essa posição na atual safra (2021/2022) (Tabela 2). A Bahia é o quinto maior produtor nacional, seguido do Ceará (sétimo) e de Pernambuco (oitavo), os maiores produtores regionais (Tabela 3). A perspectiva de ocorrência de *La Niña* favorece as chuvas no Nordeste, podendo melhorar a quebra de 31% ocorrida entre as duas safras anteriores, mas com previsão de a atual ser ainda 24% inferior à de 2019/20. Os preços tiveram tendência de estabilidade, até agosto/2021, semelhante à nacional, mas, da mesma forma, podem subir, reflexo dos altos custos e da estiagem severa.

**Tabela 3 – Área, produtividade e produção de feijão no Nordeste, último triênio**

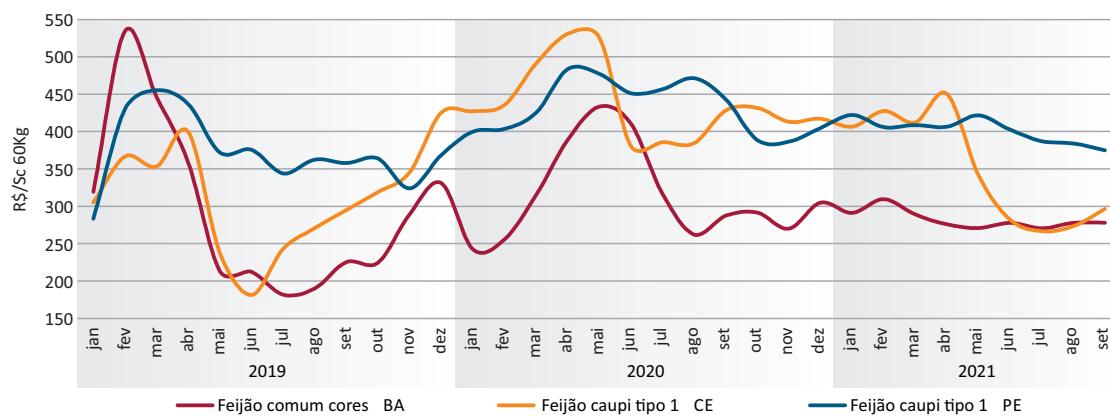
UF / Região	Área (ha)			Produtividade (kg/ha)			Produção (t)		
	2019/20	2020/21	2021/22(1)	2019/20	2020/21	2021/22(1)	2019/20	2020/21	2021/22(1)
Maranhão	48,0	48,0	48,0	564	559	549	27,1	26,8	26,3
Piauí	208,2	194,2	194,2	411	305	413	85,7	59,3	80,2
Ceará	386,1	391,1	391,1	384	292	292	148,4	114,1	114,1
R. G. do Norte	56,8	43,3	43,3	439	412	412	24,9	17,8	17,8
Paraíba	101,6	93,2	93,2	441	294	332	44,8	27,4	31,0
Pernambuco	228,9	226,0	226,0	532	457	464	121,9	103,2	104,9
Alagoas	34,9	37,4	37,4	457	565	565	16,0	21,1	21,1
Sergipe	4,8	3,7	3,7	691	448	448	3,3	1,7	1,7
Bahia	442,1	425,0	425,0	875	516	591	387,1	219,3	251,0
<b>Nordeste</b>	<b>1.511,4</b>	<b>1.462,0</b>	<b>1.462,0</b>	<b>568</b>	<b>404</b>	<b>443</b>	<b>859,2</b>	<b>590,7</b>	<b>648,1</b>

Fonte: Conab (2021a).

Nota: (1) Previsão, em outubro/2021.

O Nordeste é representativo no plantio do feijão caupi (feijão de corda ou macassar), em cuja primeira safra, Bahia e Piauí somam mais de 86% da área plantada. É um tipo muito rústico, que se adapta bem à pouca disponibilidade de água, tem plantio mais tardio e é cultivado em regiões mais áridas do Mato Grosso e Minas Gerais (CONAB, 2021a).

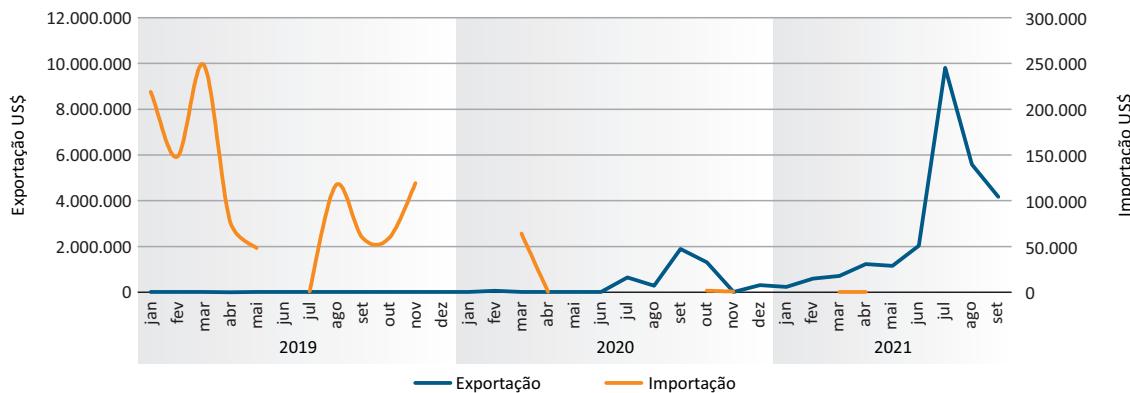
**Gráfico 4 – Preços (R\$) das principais praças disponíveis**



Fonte: Conab (2021d) (colado diretamente, porque como objeto do Excel, ficava distorcido).

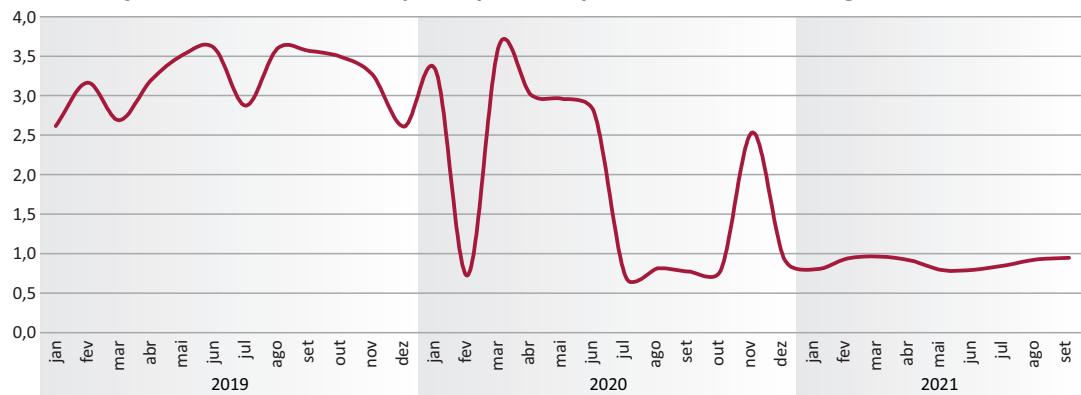
Os Gráficos 5 e 6, a seguir, mostram, para o comércio exterior nordestino, tendências semelhantes às nacionais, para as duas transações, embora a sazonalidade da produção seja um pouco diferente no primeiro ano, com os picos, no período, variando com a disponibilidade do grão e com os preços de exportação, geralmente, obedecendo às variações dos valores exportados. Considerando anos fechados, em 2019, a exportação nordestina de feijão ficou em US\$ 32,2 mil e a importação, US\$ 1,09 milhão, ocorrendo a mesma inversão que houve com as nacionais, em 2020 (US\$ 4,5 milhões x US\$ 66,6 mil). Até setembro de 2021, praticamente só houve exportações: US\$ 25,5 milhões contra US\$ 626 em importações.

## Gráfico 5 – Balança comercial do comércio exterior de feijão no Nordeste (em US\$)



Fonte: Adaptado a partir de dados do COMEXSTAT (MINISTÉRIO DA ECONOMIA, 2021).

## Gráfico 6 – Preço médio mensal do feijão exportado pelo Nordeste (US\$/kg)



Fonte: Adaptado a partir de dados do COMEXSTAT (MINISTÉRIO DA ECONOMIA, 2021).

Os maiores exportadores nordestinos, à exceção da Bahia, não são os grandes produtores (Tabela 4), com Maranhão e Bahia substituindo Ceará e Pernambuco. Maranhão chega a superar a Bahia, em valores e volume exportados, durante os meses de abril a julho de 2021. Como o feijão não tem o comércio exterior intensivo, ao contrário da soja e do milho, a magnitude das variáveis é bem menor e a questão da sazonalidade não tem a mesma influência.

## Tabela 4 – Desempenho dos principais estados exportadores nordestinos

Ano	Mês	US\$			kg		
		Bahia	Maranhão	Piauí	Bahia	Maranhão	Piauí
2019	01	484	1.358		220	529	
	02	80	671		39	238	
	03	999	961		369	308	
	04	368	505		173	138	
	05	107	1.339		73	418	
	06	59	1.682		24	489	
	07	678	1.616		236	656	
	08	376	1.789		99	581	
	09	750	2.521		215	718	
	10	282	2.601		56	855	
	11	1.088	1.157		334	366	
	12	391	2.079		175	786	
		5.662	18.279	0	2.013	6.082	0

Ano	Mês	US\$			kg		
		Bahia	Maranhão	Piauí	Bahia	Maranhão	Piauí
2020	01	821	1.783		334	465	
	02	364	970	63.368	131	378	90.000
	03	623	1.914		200	510	
	04	74	2.124		46	715	
	05	599	1.893		293	637	
	06	946	2.638		306	1.052	
	07	1.437	2.104	636.959	695	845	913.760
	08	770	203.159	74.895	227	234.150	110.000
	09	313.155	509.439	1.064.235	396.800	644.120	1.405.158
	10	727.636	1.600	575.250	910.529	559	750.000
	11	206	1.538		97	612	
	12	164.676	2.355	132.783	132.400	810	188.480
		1.211.307	731.517	2.547.490	1.442.058	884.853	3.457.398
2021	01	227.389	928		286.048	355	
	02	561.356	28.104		573.127	57.422	
	03	359.150	342.284		372.621	359.259	
	04	156	850.666	368.478	33	932.604	407.266
	05	121	1.148.833		38	1.459.679	
	06	54.961	1.510.393	462.438	65.089	1.896.772	592.009
	07	704.566	7.432.082	1.663.645	821.639	8.754.416	1.961.866
	08	1.784.355	1.613.078	2.178.627	1.540.511	1.908.972	2.573.268
	09	1.736.924	1.138.243	1.288.268	1.545.340	1.335.343	1.528.941
		5.428.978	14.064.611	5.961.456	5.204.446	16.704.822	7.063.350

Fonte: Adaptado a partir de dados do COMEXSTAT (MINISTÉRIO DA ECONOMIA, 2021).

## 4 OVERVIEW

Pontos fortes	Produto tradicional e muito apreciado em todo o País; Cultura rústica e resistente, é importante fonte de energia, com baixo teor de gordura; É adaptável a diversos tipos de clima e solo, podendo ser cultivado isoladamente, em consórcio ou intercalado; Os órgãos de pesquisa, financiamento e apoio à produção fomentam a inovação à cadeia produtiva, superando desafios relacionados a novas pragas, elevação da produtividade e os investimentos necessários; A existência de três safras facilita a mudança nas intenções de plantio ao longo do ano, podendo influenciar preços;
Pontos fracos	Produto com curto tempo de estocagem; Concentração da produção no feijão carioca, apreciado internamente, mas pouco aceito no exterior; A produção familiar, responsável por 82% do total do feijão produzido no Nordeste e por 70% do produzido no Brasil, ainda tem baixa tecnologia e profissionalização, utilizando sementes caseiras, o que degenera as variedades plantadas e facilita a contaminação por patógenos e danos mecânicos, resultado da baixa capitalização dos produtores e da assistência técnica deficiente.
Oportunidades	Aumento do uso do feijão nas proteínas vegetais, substituindo a soja, o que abriria diversas possibilidades para o feijão; Continuidade das pesquisas com novas variedades, pela Embrapa e Instituto Agronômico de Campinas, mais precoces, produtivas, ou com grãos maiores (preferência europeia) para evitar a concentração no feijão carioca e oferecer mais opções no mercado; Desenvolvimento de sistemas de rastreamento, devido à mudança de perfil do consumidor, que se tornou mais exigente e pela necessidade dos empacotadores em saber a origem do produto; O Ibrafe tem estimulado os produtores a plantar feijão rajado, de ciclo mais curto, ou o vermelho, que são bem aceitos no exterior, recomendando a diversificação de variedades. Empresas exportadoras e tradings têm incentivado agricultores brasileiros a semear variedades mais apreciadas na Ásia, como azuki, mungo, caupi e rajado, a fim de participar mais desse comércio externo, que movimenta cerca de US\$ 2 bilhões por ano. Estímulo ao uso de sementes certificadas da Embrapa, com a compra governamental sendo feita mediante essa certificação; Estímulo ao aumento da produção na terceira safra, para viabilizar a compra governamental para programas de assistência básica, por menores preços; As mudanças climáticas também podem ser oportunidade de aumento do consumo de feijão, na medida que elas também afetam o consumo de outros pulses, como lentilha e ervilha.
Ameaças	As mudanças climáticas tendem a tornar mais severos os eventos extremos, como estiagens, geadas ou enchentes, mais intensos e entre ciclos mais curtos de ocorrência. Sul, Sudeste e Centro-Oeste podem vir a ter quebras na safra atual não só pela maior seca em 90 anos, mas como pela probabilidade (de 87%) de ocorrência do La Niña mais intenso, de novembro/21 até fevereiro/22; Surgimento de novas pragas e doenças resistentes aos defensivos agrícolas.

## REFERÊNCIAS

CONAB - COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO. **Acompanhamento da safra brasileira de grãos**. Safra 2021/22, 1º levantamento. Disponível em: <https://www.conab.gov.br/info-agro/safras/graos>. Acesso em: 07 out. 2021a.

\_\_\_\_\_. **Séries históricas**. <https://www.conab.gov.br/info-agro/safras/serie-historica-das-safras?start=20>. Acesso em: 07 out. 2021b.

\_\_\_\_\_. **Perspectivas para a agropecuária**. Vol. 9, safra 2021/22, Edição Grãos. Brasília: 2021. Disponível em: <https://www.conab.gov.br/perspectivas-para-a-agropecuaria>. Acesso em: 27 out. 2021c.

\_\_\_\_\_. **Preços agropecuários**. Disponível em: <https://www.conab.gov.br/info-agro/precos?view=default>. Acesso em: 11 nov. 2021d.

FAOSTAT. **Crops**. Disponível em: <http://www.fao.org/faostat/en/#data/QC>. Acesso em: 08 out. 2021.

IBRAFE - INSTITUTO BRASILEIRO DO FEIJÃO. **Revista IBRAFE**, Ano 2, Edição 2, junho de 2018. Curitiba (PR). Disponível em: [http://www.ibrafe.org/wp-content/uploads/2018/09/IBRAFE\\_REVISTA\\_ED2\\_VF\\_digital.pdf](http://www.ibrafe.org/wp-content/uploads/2018/09/IBRAFE_REVISTA_ED2_VF_digital.pdf). Acesso em: 26 out. 2018.

COMEXSTAT. MINISTÉRIO DA ECONOMIA. **Comexstat - Portal de estatísticas de comércio exterior do Brasil**. Disponível em: <http://comexstat.mdic.gov.br/pt/home>. Acesso em: 23 out. 2021.

## TODAS AS EDIÇÕES DO CADERNO SETORIAL DISPONÍVEIS EM:

<https://www.bnb.gov.br/etene/caderno-setorial>

## EDIÇÕES RECENTES

### AGROPECUÁRIA

- Frango - 11/2021
- Carne bovina - 10/2021
- Cajucultura - 10/2021
- Milho - 08/2021
- Lácteos - 08/2021
- Hortaliças - 08/2021
- Suína - 07/2021
- Fruticultura - 06/2021
- Frango- 06/2021
- Recursos florestais - 05/2021
- Algodão - 05/2021
- Açúcar - 05/2021
- Carne bovina - 04/2021
- Mel natural - 03/2021
- Arroz - 03/2021
- Silvicultura - 02/2021
- Cacau - 01/2021
- Pescado - 01/2021
- Própolis - 01/2021
- Trigo - 01/2021

### INDÚSTRIA

- Couro e calçados - 11/2021
- Indústria da Construção - 10/2021
- Indústria Petroquímica - 09/2021

- Indústria têxtil - 09/2021
- Biocombustíveis - 08/2021
- Indústria do vestuário - 08/2021
- Indústria Siderúrgica - 07/2021
- Indústria de Alimentos - 07/2021
- Indústria de bebidas não alcoólicas - 07/2021
- Setor moveleiro - 07/2021
- Etanol - 04/2021
- Couro e calçados - 01/2021

### INFRAESTRUTURA (ENERGIA, TRANSPORTE, SANEAMENTO E TELECOMUNICAÇÕES)

- Petróleo e gás natural - 11/2021
- Energia eólica - 07/2021
- Energia solar - 07/2021
- Telecomunicações - 05/2021
- Micro e minigeração distribuída - 02/2021

### • COMÉRCIO E SERVIÇOS

- Comércio eletrônico X pandemia de coronavírus - 07/2021
- Turismo - 07/2021
- Pet food - 06/2021
- Setor de eventos e a pandemia -06/2021
- Cadeia de saúde - 04/2021
- Shopping centers - 01/2021

## CONHEÇA OUTRAS PUBLICAÇÕES DO ETENE

<https://www.bnb.gov.br/etene>